

Na última ida ao teatro organizada pela AE.FD.UNL, os alunos foram incentivados pelo Departamento Cultural a escreverem um pequeno artigo, com a sua opinião, sobre a peça de teatro que havíamos assistido. O texto abaixo foi escolhido como o melhor, de entre os que recebemos, pelo Departamento em colaboração com a Professora Doutora Ana Prata. O vencedor, como anunciámos após o visionamento da peça “Vermelho”, ganhará um bilhete para a próxima ida ao teatro por nós organizada, para além de ver a sua crítica publicada no *site* da Faculdade.

A primeira vencedora deste desafio foi a aluna Josefina Carreira, autora do texto que aqui divulgamos. Parabéns!

Aproveita e participa na próxima edição do concurso: vem connosco ao teatro!

Peça “Vermelho” (Teatro Aberto), por Josefina Carreira



Numa peça em que as palavras suplantaram os próprios actores, a pintura serviu de sinédoque para uma abordagem multifacetada ao sentido da arte. A relação entre mentor e aprendiz ilustra o precário equilíbrio entre tempos, correntes e modos de sentir – questões acentuadas na segunda metade do séc. XX, altura em que a globalização toma forma e a criação artística prolifera.

É impressionante assistir à dualidade de sentimentos das personagens. A intensidade é tal que o mundo se fecha sobre a arte. A dúvida persiste ao longo do acto: como pode o artista ser vencido pela própria obra? Como pode amar mais os seus feitos que a sua vida? As antíteses são constantes. A arte é para o mundo, mas é esculpida na solidão, longe da luz natural. Rothko critica a Pop Art, mas é ele mesmo quem está a pintar para o “templo do consumo”. Não obstante ser um amante da sua liberdade de criação, acaba por tomar, a certa altura, a sua corrente como a “verdadeira”. Enquanto critica o ensino tradicional das escolas de arte, Rothko não deixa de incentivar o aprendiz a estudar Nietzsche e a pensar.

Mais do que ensinar, o experimentado pintor é posto à prova, quando o seu assistente, tal qual voz da consciência, o enfrenta: tudo o que esperamos de um quadro é tragédia e dor? Haverá alguém verdadeiramente digno de o apreciar? Enfim, haverá um sentido, uma cor, uma visão artística “certa” que arrase qualquer outra?

O medo de rejeição expresso pelo pintor mostra que a arte não se completa sem ser comunicada e sem se abrir à sociedade. Há mais do que um desejo de fama e reconhecimento – há uma necessidade intrínseca de dar sentido à existência da obra.

Assim como fez o assistente do pintor no final da peça, deixo a porta aberta. E deixo também muitas perguntas. O mérito de John Logan é mesmo esse: põe a audiência a reflectir e a encontrar respostas inesperadas. A meu ver, não podemos, de facto, ficar pelo “ótimo” – a obra tem que sublimar, ferir, despertar ou, simplesmente, não me deixar indiferente. A visão de Mark Rothko é elucidativa: a expectativa de um quadro é como “a sensibilidade de uma criança cega num quarto cheio de lâminas e que vai sentir a dor pela primeira vez”.

Não se esqueça: a porta está aberta. Vale a pena entrar e assistir. Quem sabe não estará em breve como eu, a folhear Nietzsche, enquanto descobre um novo quadro de Matisse.

Josefina Carreira